

Gastão Vidigal adverte que dívida ^{externa} impede crescimento

29 ABR 1984

São Paulo — O banqueiro Gastão Eduardo de Bueno Vidigal, presidente do Conselho de Administração do Banco Mercantil de São Paulo, advertiu que a dívida externa é um entrave ao desenvolvimento, porque as condições para o seu pagamento, "nos estreitos limites em que estão equacionadas, dificultam a retomada real do crescimento econômico".

Para Vidigal, os indícios de recuperação econômica "parecem frágeis, além de muito localizados". E observou: "Por exemplo, há hoje uma boa performance na exportação de manufaturados, fenômeno que, todavia, não elimina dificuldades do mercado interno. Os indícios de inflação ainda estão altíssimos e não autorizam manifestações de maior otimismo, se não quando, efetivamente, a tendência de baixa se firmar e os sinais de recuperação deixarem de ser apenas indícios".

Gastão Vidigal comentou, também, o momento político-econômico, destacando que "somente através do diálogo, quando o Governo consulta e ouve a sociedade e seus órgãos representativos, é que se encontrarão soluções adequadas".

Transferência de renda

Ao analisar o pagamento da dívida externa, o presidente do Conselho de Administração do Banco Mercantil de São Paulo ressaltou: "É claro que não poderemos trabalhar indefinidamente apenas para pagar os compromissos, quando é evidente a necessidade de gerarmos superávits que contribuam para a retomada do crescimento interno. É indispensável ainda que a imaginação dos brasileiros, em particular das autoridades monetárias, dê prosseguimento à idéia de pagamento, em cruzeiros, de parte dos juros e do principal, como já vem sendo ventilado em certas áreas do exterior".

Em decorrência "do alto endividamento em que o país está envolvido" Gastão Vidigal manifestou o seu receio pela transferência de renda nacional para o exterior.

Para ele, esse risco está restrito à questão da dívida externa, uma vez que a aplicação de incentivos às exportações não representa transferência de renda nacional para o exterior, "porque os incentivos internos são uma característica comum a todos os países exportadores que lutam para aumentar a sua participação no mercado internacional".

Recuperação/inflação

Para o empresário, os indícios de reaquecimento da economia — que, segundo ele, são de pequena expressão e localizados — podem refletir os primeiros acertos da política anti-inflacionária e anti-recessiva adotada. "O reaquecimento será o reflexo do êxito dessa política. Não só no setor industrial, mas também na economia como um todo", observou.

Gastão Vidigal prevê uma queda na inflação este ano: "as medidas indicadas para a

contenção e consequente reversão do processo inflacionário foram adotadas. O sucesso depende do rigor na condução da política, que não poderá sofrer desvios, principalmente — nunca é exagero acentuar — quanto à contenção e redução dos gastos públicos".

— Não temos ainda condições de apontar um índice para o fim do ano. É de se acreditar, porém, que traduzirá números inferiores aos do ano passado, caso, realmente, não ocorram desvios na condução das diretrizes estabelecidas — afirmou.

Receita do Dr. Gastão

Gastão Eduardo de Bueno Vidigal — o Dr. Gastão, como é chamado pelos amigos — tem uma receita para a retomada do desenvolvimento econômico: "Não se pode deixar de agir com rigor no combate continuado às causas da inflação e da recessão. É indispensável a disciplina das finanças públicas e o continuado cerceamento do crescimento das despesas estatais".

— Não poderão faltar condições para a ampliação das áreas de plantio para a agricultura e preços compatíveis para os seus produtos. O aumento da exportação deverá ter metas sempre crescentes, de forma a contribuir para o equilíbrio do balanço de pagamentos e gerar recursos para o financiamento do crescimento interno — ressaltou.

Ainda sobre a agricultura, o empresário alertou que "ela passa por um importante momento de transição, em que lhe são retirados os últimos subsídios creditícios".

— Havendo correspondência de preços para a produção não deverá haver risco de redução da área plantada. Esse aspecto é de suma importância, uma vez que há necessidade de ampliação da área de produção de alimentos para a população em crescimento e para o esforço de exportação — explicou.

Diálogo

Ao analisar a mobilização e as concentrações populares em favor das eleições diretas, Gastão Vidigal observou: "Motivos econômicos poderiam explicar os resultados de concentrações populares, que levaram às ruas centenas de milhares de pessoas, em manifestações claras de desejo de mudanças."

— Os fatos econômicos têm estreita ligação com os de natureza política, assim como os sociais. Se a economia vai bem, os demais fenômenos se desenvolvem em clima de tranquilidade — destacou.

E acrescentou: "A discussão acerca das eleições diretas representa mais o desejo de participar na procura dos caminhos que poderão conduzir o país mais rapidamente ao restabelecimento da normalidade democrática."

MILTON F. DA ROCHA FILHO